

Faculdade Canção Nova

Vittoria Maria Silva Freitas

Rito Tridentino:

A beleza da tradição expressa em fotografias

**Cachoeira Paulista
2021**

Faculdade Canção Nova

Vittoria Maria Silva Freitas

Rito Tridentino:

A beleza da tradição expressa em fotografias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade Canção Nova, sob orientação do Prof. Me. Marcos Jolbert C. Azambuja.

**Cachoeira Paulista
2021**

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Maria Aparecida, por todo amor e apoio.
A minha avó, Eva Maria, pelas orações feitas lá do céu.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que me deu o dom da vida e por sempre me mostrar o caminho certo diante das dúvidas. A Nossa Senhora que como uma verdadeira mãe se fez presente em cada momento que precisei.

A minha mãe, Maria Aparecida, que durante toda a minha vida, e em meio a tantas dificuldades, me acompanhou, incentivou, guiou e principalmente, me mostrou o real sentido da fé e da confiança em Deus.

Agradeço aos meus amigos: Amanda Almeida, Mariana Fialho, Gustavo Sabbadin e Yara Naíres pelas mensagens e apoio. E de forma especial a Rebeca e Mateus Ramos que me acompanharam e me ajudaram durante quase todo o processo do trabalho.

Ao diagramador, Thiago André, que fez um excelente trabalho com a diagramação e design do produto, e que também me enviou mensagens de apoio e incentivo.

Aos religiosos e coordenadores das igrejas que disponibilizaram os locais e se mostraram dispostos a qualquer questão acerca do projeto, o meu agradecimento.

Sou imensamente agradecida a Faculdade Canção Nova pela bolsa de estudos.

Agradeço ao professor e orientador, Marcos Jolbert pela disponibilidade e atenção em me guiar e ensinar.

A banca avaliadora por aceitar o convite e pela disponibilidade. A todos os professores da instituição que contribuíram para o meu ensino e tornaram possível a realização de cada etapa deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, por meio do livro de fotos jornalísticas *“Rito Tridentino: A beleza da tradição expressa em fotografias”*, tem como objetivo a contribuição de levar o conhecimento acerca do Rito Tridentino para as pessoas. O projeto explica em fotografias e fotolegendas como é o Rito Tridentino, e se vale de técnicas do fotojornalismo que aproximam o público do trabalho. Para as pesquisas bibliográficas, foram utilizados os principais autores: Bergman, com a história do Rito Tridentino, e para a área fotojornalística, Freeman, Sanada e Sanada e Zettl, que mostraram as técnicas e ângulos da fotografia. Em suas páginas, o projeto demonstra aplicação da metodologia estudada e desenvolvida durante os processos, que mostra de forma clara e simples o objetivo requerido inicialmente.

Palavras-chaves: Fotojornalismo; Rito Tridentino; Fotografia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	9
2.1 Objetivo geral	9
2.2 Objetivos específicos	9
3. JUSTIFICATIVA	10
4. REFERENCIAL TEÓRICO	11
4.1 Rito Tridentino	11
4.1.2 A Missa Tridentina	12
4.1.2.1 O que faz a Missa ser diferente	12
4.1.2.2 As formas de celebrar	13
4.1.2.3 A música na Missa Tridentina	15
4.1.2.4 Os ministros da Missa	16
4.1.2.5 Paramentos do sacerdote	18
4.1.2.6 O altar da Missa Tridentina	22
4.2. Fotojornalismo	23
4.2.1 Gêneros do fotojornalismo	25
4.3 Projeto Gráfico	25
4.3.1 Diagramação	25
4.3.2 Grid	26
4.3.3 Layout	27
4.3.4 Cor	29
4.3.5 Tipografia	30
4.4 Fotografia	32
4.4.1 Planos e enquadramento	34
4.4.2 Iluminação	39
4.4.3 Lente	40

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	43
6. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO	44
6.1 Pré-produção	44
6.2 Produção	44
6.3 Pós-produção	45
7. SINOPSE	46
8. ORÇAMENTO	47
9. PÚBLICO ALVO	48
10. VIABILIDADE DO PRODUTO	49
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51
ANEXO A_ Capa do livro	53

1. INTRODUÇÃO

O Rito Tridentino - conhecido também como Missa Tridentina - promulgado em 1570 por São Pio V mesmo ainda sendo celebrado é esquecido por uma parte dos católicos, que de certa forma não conseguem se imaginar participando de uma Missa feita em um língua não mais falada, segundo o que afirma Bergman (2015). Pensando em levar o conhecimento do Rito Tridentino aos fiéis, o trabalho em forma de livro utiliza técnicas fotojornalísticas de modo que torne a história, as curiosidades e os detalhes da Missa Tridentina mais próximos do público leitor.

O formato em livro fotojornalístico deste trabalho de conclusão de curso tem como principal objetivo produzir um livro fotojornalístico cultural do Rito Tridentino, como o tema: Rito Tridentino – A beleza da tradição expressa em imagens. Pretende desta forma responder à seguinte pergunta fundamental: Que aspectos notáveis podem surgir de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental, acerca do Rito Tridentino, para o desenvolvimento de um livro fotojornalístico no gênero cultural?

O livro apresentará ao público os aspectos importantes da Missa para que seja possível observar cada detalhe presente no ambiente. As fotolegendas presentes em algumas páginas, contarão resumidamente e objetivamente, a história do Rito Tridentino, também apresentarão datas e curiosidades; além da adição de duas entrevistas, que, facilitam e exemplificam o entendimento do público - o principal foco para o tipo de abordagem utilizada.

Como base para o trabalho, serão utilizadas as técnicas de composição, enquadramento e design trazidas por Freeman (2012) e Zettl (2017) e as técnicas fotojornalísticas de Souza (2004) e Ali (2019), que serão essenciais para a conexão e humanização do projeto desenvolvido. Pensando na parte teórica da fotografia e do fotojornalismo, os principais autores foram: Buitoni (2011), Freeman (2012), Sanada e Sanada (2004) e Zettl (2017).

A observação de outros livros fotojornalísticos religiosos também foram muito importantes para o desenvolvimento da obra, pois serviram como referências na observação das técnicas utilizadas para o produto. Essas análises visuais são fundamentais para o olhar humanizado que está presente no livro.

Para a base teórica e histórica a respeito da Santa Missa Tridentina foram utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais a fim de que houvesse a coleta de dados suficientes, capazes de trazer veracidade aos fatos destacados. Foram feitos estudos no local onde é celebrada a Missa, para compor a análise deste trabalho e definir como seriam distribuídas as imagens que estão inseridas no livro de fotografia, produto deste trabalho de conclusão de curso.

O livro fotojornalístico “Rito Tridentino: a beleza da tradição expressa em imagens” mostra as celebrações da Missa Tradicional em Latim, os detalhes do altar, do local, do celebrante e dos acólitos. Ele leva às pessoas, a história e as informações da Celebração de forma simples e objetiva, zelando pela veracidade dos fatos e o respeito à Igreja Católica Apostólica Romana.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Produzir um livro de fotos jornalísticas acerca do Rito Tridentino.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Criar fotolegendas que reforcem a história do Rito Tridentino
- Ampliar o conhecimento sobre o rito antigo através do fotojornalismo
- Trabalhar com o fotojornalismo cultural

3. JUSTIFICATIVA

O fotojornalismo, considerado um canal capaz de transmitir a informação de forma clara e objetiva através de imagens, mostra-se um formato adequado para a representação de histórias, sendo capaz de aproximar o ser humano da fé e da religião. "Como ser social, o homem precisa de sinais e de símbolos para se comunicar com os outros através de linguagem, de gestos e de ações. O mesmo vale para o seu relacionamento com Deus" (CIC, n. 1146).

A escolha desse projeto deve-se à admiração e proximidade da autora que há cinco anos participa do Rito Tridentino, além da identificação pessoal com o fotojornalismo. Partindo dessas motivações, esta primeira edição do livro fotojornalístico possibilita a ampliação dos conhecimentos religiosos dos fiéis católicos através da combinação das habilidades fotográficas e do olhar analítico do fotojornalismo, já ensinados e aproveitados em sala de aula durante os anos de curso.

A relevância acadêmica do trabalho se dá na apresentação teórica e estrutural a respeito do tema como: gêneros do fotojornalismo, projeto gráfico e os aspectos referentes ao Rito Tridentino, que podem sugerir novos estudos e investigações futuras sobre o livro fotojornalístico.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão abordados os seguintes temas que compõem este trabalho: Rito Tridentino, Fotojornalismo, Projeto gráfico e Fotografia.

4.1 Rito Tridentino

4.1.1 Breve histórico

Segundo Bergman (2015), após a morte de Jesus Cristo, por conta das perseguições que sofriam, os apóstolos criaram assembleias que se encontravam aos sábados à noite para realizar as orações dos salmos, leituras e acabavam no domingo de manhã com a celebração da Eucaristia.

Com o aumento de fiéis, esses encontros começaram a durar a noite inteira e então, segundo Bergman (2015), as assembleias foram divididas em duas liturgias separadas: “a Missa dos Catecúmenos (quando combinada com a Eucaristia) e um primeiro Ofício Divino, consistindo de Vésperas (rezadas ao pôr do sol), Vigílias (rezadas durante a noite), e Matinas (rezadas ao amanhecer).” (BERGMAN, 2015, p. 64).

Conforme o Ordinário da Santa Missa (2015), o Rito Tridentino tem origem na época dos apóstolos e ao longo dos séculos passou a ser moldado. O Rito data praticamente do século VI, e fora, depois de muito tempo, favorecido pelo Papa São Pio V.

O Rito Tridentino pelo que relata Bergman (2015), foi promulgado pelo Papa Pio V em 1570 como parte das reformas feitas no Concílio de Trento (1546-1563). Esta promulgação teve como objetivo tornar a liturgia padrão, pois já havia ganhado diversas variações por conta das diferentes culturas e tradições locais, além de proteger a liturgia dos erros provindos do protestantismo, conforme afirma a autora.

Bergman (2015) narra que durante o Concílio de Trento, houve um estudo aprofundado dos manuscritos antigos para que a liturgia fosse restaurada o mais perto da forma antiga e do rito dos santos Padres. Conforme elenca a autora, o Missal teve publicações em 1604, 1634, 1884, 1920 e 1962.

4.1.2 A Missa Tridentina

O Rito Tradicional, conforme o Ordinário da Santa Missa (2015), manifesta de forma exemplar a renovação do sacrifício de Jesus Cristo na cruz. As orações e ritos contidos no Rito Tridentino mostram as quatro finalidades da Missa: **adoração, propiciação, ação de graças e petição**.

Para Bergman (2015), o sacrifício de Jesus é o único dom verdadeiramente digno de se oferecer em honra e **adoração**.

A **propiciação**, conforme Bergman (2015), é utilizada pelo Sacrifício da Missa, nele, o Sangue de Jesus é aplicado ao perdão dos pecados.

Ainda segundo a autora, na **ação de graças**, os fiéis agradecem e louvam pelas graças e benefícios alcançados.

Por último, a **petição**, explica Bergman (2015), é onde o fiel intercede a Deus para que possa ser obtida a graça de Cristo para as intenções realizadas durante a Missa.

O Rito Tridentino é chamado também de Rito Extraordinário pois para Bergman (2015), ele possui três elementos de mistério que o fazem único: a **língua** falada, a **posição do padre** na Missa, e o **tom da voz** do celebrante e o **silêncio** do povo.

4.1.2.1 O que faz a Missa ser diferente

A **língua**: Bergman (2015) explica que a Missa Tridentina é rezada em sua maior parte em latim¹, há também partes em grego² (*Kyrie*) e hebraico³ (palavras como: *Amém, Aleluia, Hosana, Sabaoth*). Conforme a autora, a utilização do latim dá continuidade a uma língua conhecida por Jesus Cristo, além de ser ideal para o Rito Tridentino, pois não é uma língua falada e então, não pode haver mudanças em seus significados.

¹ Língua indo-europeia primitivamente falada em Lácio, antiga região da Itália, e que se difundiu pelo Império Romano.

² Língua de origem indo-europeia, falada pelo povo grego na Grécia e em Chipre, onde é uma das línguas oficiais.

³ Diz-se de ou língua da fam. semítica falada pelos hebreus, na qual foi escrito quase todo o Velho Testamento (a Bíblia dos hebreus), e que, no sXIX, após transformações históricas, ressurgiu com o movimento sionista e tornou-se língua oficial do Estado de Israel; hebreu.

A **posição do padre**: durante a Missa, o sacerdote celebra na pessoa de Cristo, renovando assim o sacrifício da cruz. Conforme expõe Bergman (2015), ele intercede por nós junto a Deus, e por isso se volta na mesma posição que os fiéis, assim como na Figura 24.

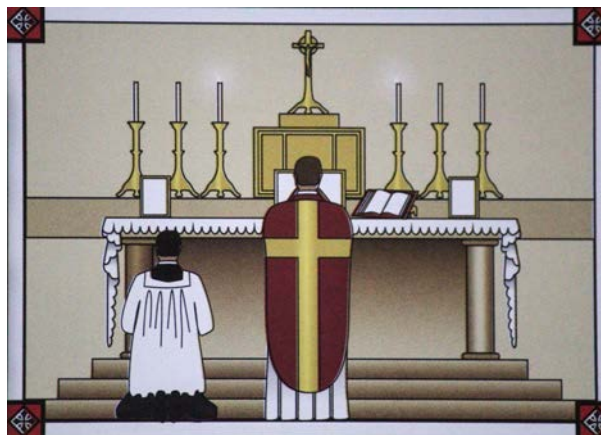


Figura 24 - Posição do padre na Missa

Fonte: Bergman, 2015.

O **tom da voz** e o **silêncio**: Bergman (2015) relata que no Rito Tridentino o padre fala as partes mais importantes em voz baixa, e durante a Missa, os fiéis ficam em sua maioria calados, pois desde os tempos mais antigos as pessoas relacionam o silêncio à profunda reverência.

4.1.2.2 As formas de celebrar

Segundo Bergman (2015), existem diferentes formas de celebração da Missa, sendo elas: **Missa Solene** (*Missa Solemnis*), **Missa Cantada** (*Missa Cantata*), **Missa Rezada** (*Missa Lecta*) e **Missa Cantada Pontifical**.

Na **Missa Solene**, ou *Missa Solemnis*, conforme Bergman (2015), junto do celebrante há um diácono e um subdiácono. Quase todas as partes faladas são cantadas, as partes dos cânticos são feitas pelo coro, há a utilização do incenso e seis ou mais velas são acendidas, conforme a Figura 25.



Figura 25 - Missa Solene

Fonte: Bergman, 2015.

Na **Missa Cantada**, ou *Missa Cantata*, para Bergman (2015), junto do celebrante ficam os acólitos. Como a Missa Solene, há partes cantadas e são acendidas seis ou mais velas; o coro ou um cantor faz as partes com cânticos, e o incenso é opcional, conforme a Figura 26.



Figura 26 - Missa Cantada

Fonte: Bergman, 2015.

Na **Missa Rezada**, ou *Missa Lecta*, para Bergman (2015), há apenas um acólito junto do celebrante. Hinos podem ser tocados apenas na entrada e saída do padre e durante o ofertório e a comunhão, não há a utilização do incenso e são acendidas duas velas, conforme a Figura 27.



Figura 27 - Missa Rezada

Fonte: Bergman, 2015.

A Missa Cantada Pontifical, segundo a autora, é a Missa Solene, diferenciando somente pelo celebrante que é um bispo. E se este bispo for da paróquia, acende-se uma sétima vela.

4.1.2.3 A música na Missa Tridentina

De acordo com Bergman (2015), a diferença mais notada entre os tipos de Missas do Rito Tridentino é a música. Na música Cantada há partes cantadas pelo coro ou cantor, elas, segundo a autora, são de dois tipos: **Ordinário** (sempre as mesmas músicas) e **Próprio** (músicas mudam conforme a Festa celebrada).

Segundo a autora, as partes que compõem o **Ordinário** são: *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus* e *Benedictus*, *Agnus Dei*. E as que compõem o **Próprio** são:

Asperges me ou *Vidi Aquam* (aos domingos), *Intróito*, *Gradual*, *Aleluia* ou *Tracto*, *Seqüência* (em algumas festas), *Antífona de Ofertório* e *Antífona de Comunhão*.

4.1.2.4 Os ministros da Missa

Na Missa Solene do Rito Tridentino, conforme narra Bergman (2015), existem muitas pessoas no altar, e entre elas há uma hierarquia e diferenças em seus acessórios e vestimentas que os fazem se distinguir.

Conforme a Figura 28, o celebrante, explica Bergman (2015), é quem celebra a Missa na pessoa de Cristo. Ele veste a casula, roupa que significa a obediência de Cristo.



Figura 28 - Sacerdote

Fonte: Bergman, 2015.

O diácono utiliza a dalmática e o subdiácono, a túnica, como nas Figuras 29 respectivamente. Para Bergman (2015), esses paramentos são muito similares ou até mesmo iguais; eles se diferem então por suas posições na Missa: o diácono auxilia o celebrante, e o subdiácono assiste o diácono.

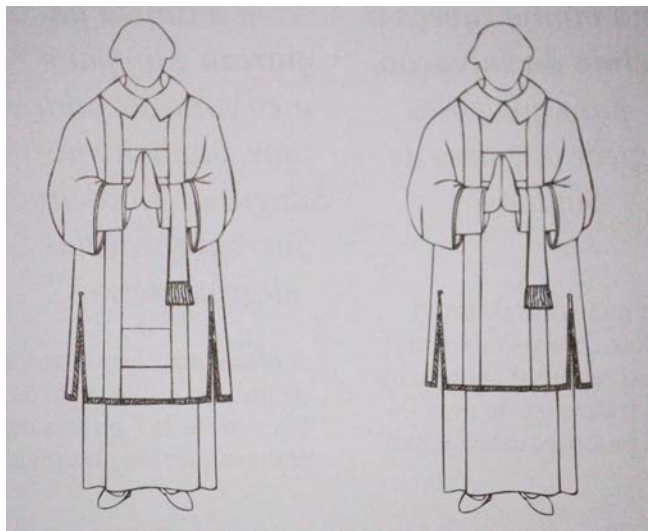


Figura 29 - Diácono e subdiácono

Fonte: Bergman, 2015.

Os acólitos, como na Figura 30, exercem também outras funções, como: cerimoniário, turiferário, servente e ceroferário. Segundo a autora, eles utilizam a batina e a sobrepeliz.



Figura 30 - Acólito

Fonte: Bergman, 2015.

Conforme Bergman (2015), e visto na Figura 31, o celebrante ou o padre assistente vestem antes da Missa, durante a aspersão da água benta, o pluvial, que só depois é substituído pela casula.



Figura 31 - Celebrante ou padre assistente

Fonte: Bergman, 2015.

O bispo, na Figura 32, segundo Bergman (2015), utiliza a mitra e o báculo, além de vestir a dalmática e a casula, exibindo "a plenitude de seu sacerdócio." (BERGMAN, 2015, p. XXI).



Figura 32 - Bispo

Fonte: Bergman, 2015.

4.1.2.5 Paramentos do sacerdote

O sacerdote, para Bergman (2015) é um soldado que veste suas armas para a batalha, por isso, enquanto coloca seus paramentos, reza as orações específicas

para cada um deles. Os paramentos são: **amito**, **alva**, **cíngulo**, **manípulo**, **estola**, **casula** e **batina**.

O **amito** coloca-se sobre a cabeça do sacerdote e o deixa repousar sobre os seus ombros. "É um retângulo de linho fino." (BERGMAN, 2015 p. XXIII), conforme a Figura 33.

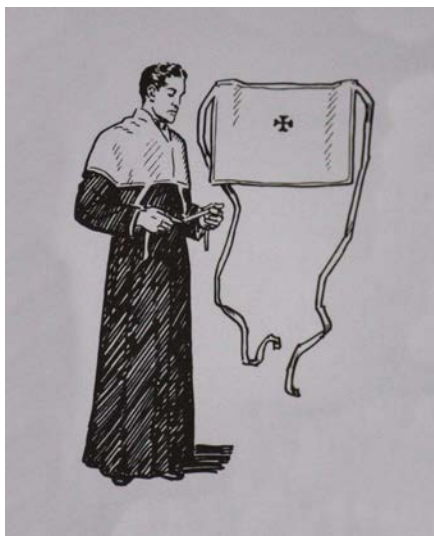


Figura 33 - Amito

Fonte: Bergman, 2015.

A **alva**, como vista na Figura 34, é uma túnica de linho que cobre todo o corpo do sacerdote e chega até os seus pés. "Ela simboliza a pureza da alma cristã." (BERGMAN, 2015, p. XXII).



Figura 34 - Alva

Fonte: Bergman, 2015.

Na Figura 35 vê-se o cingulo, ele é um cordão de linho que é colocado na cintura do sacerdote para poder ajustar a alva. "É um símbolo de castidade." (BERGMAN, 2015, p. XXII).



Figura 35 - Cingulo

Fonte: Bergman, 2015.

O manípulo, na Figura 36, é uma faixa de seda que é utilizada no braço esquerdo do sacerdote. "É um símbolo da servidão e dos cuidados deste mundo, e representa a Paixão de Nosso Senhor." (BERGMAN, 2015, p. XXII).



Figura 36 - Manípulo

Fonte: Bergman, 2015.

A estola, como na Figura 37, é uma faixa extensa de seda que tem a mesma cor e largura do manípulo sendo três vezes mais longa; é utilizada em volta do pescoço e é cruzada sobre o peito do sacerdote. "Ela representa a imortalidade." (BERGMAN, 2015, p. XXII).



Figura 37 - Estola

Fonte: Bergman, 2015.

A casula, na Figura 38, é o paramento essencial exterior do sacerdote, ela é decorada com uma grande cruz na parte de trás e às vezes pode ser colocada também na frente. "Simboliza o jugo de Cristo." (BERGMAN, 2015, p. XXII).



Figura 38 - Casula

Fonte: Bergman, 2015.

Na Figura 39, a batina é a roupa mais comum do sacerdote, normalmente de cor preta pode mudar conforme a hierarquia e a ordem religiosa. "Ela significa que estão mortos para o mundo." (BERGMAN, 2015, p. XXII).



Figura 39 - Batina

Fonte: Bergman, 2015.

4.1.2.6 O altar da Missa Tridentina

O altar do Rito Tridentino, relata Bergman (2015), deve conter os seguintes requisitos: precisa ser consagrado com uma pedra d'ara no centro e ter relíquias de

santos que foram mártires; a *mensa* que fica acima do altar precisa estar coberta com três toalhas específicas de altar (duas de linho de tamanhos iguais ao pano encerado e por cima delas, uma toalha de mesma largura feita de linho fino que se estenda até as laterais do altar); necessita de um crucifixo e deve ter ao menos, duas velas.

Segundo a autora, além desses tópicos importantes, o altar conforme visto na Figura 40, também pode conter: sacrário (no centro do altar, contém as Hóstias consagradas), três sacras (uma maior no centro, uma do lado da Epístola e outra ao lado do Evangelho), Missal (contém todas as orações da Missa) e sineta (tocada pelo acólito na Consagração e em outros momentos importantes).



Figura 40 - O altar da Missa Tridentina

Fonte: Bergman, 2015.

4.2 Fotojornalismo

O fotojornalismo durante muito tempo foi resistido pelos profissionais jornalistas por acharem que as fotografias não valorizavam de fato a seriedade das informações trazidas pela matéria. Apenas em 1904, após a aparição do primeiro tablóide de fotografia, *Daily Mirror*⁴, essas opiniões foram mudadas. “As fotografias deixaram de ser secundarizadas como ilustrações de texto para serem definidas

⁴ The Daily Mirror, ou normalmente conhecido como The Mirror, é um tablóide diário britânico, fundado em 1903. Durante alguns períodos em sua história, The Mirror era o nome usado nas capas.

como uma categoria tão importante quanto a componente escrita” (SOUSA, 2004, p. 17 apud BAYNES, 1971).

O fotojornalismo nasceu de fato na Alemanha, que após a Primeira Guerra Mundial, decidiu se dedicar às artes, letras e ciências e tornou-se assim o país com mais revistas ilustradas do mundo, que se espalharam pela Europa e pelos outros continentes. A fotografia jornalística conseguiu superar sua fama de ser apenas algo ilustrativo e banal, ganhando tal força que tornou-se obrigatória. Segundo Sousa (2004), a imagem se tornou privilegiada, e o que antes era apenas um complemento começou a se tornar também, foco principal, deixando os pequenos textos-legenda de lado.

O fluir histórico do fotojornalismo trouxe a atividade ao ponto em que está hoje. A história aparenta ser, portanto, uma força relevante na conformação dos conteúdos fotojornalísticos. Não será, todavia, o único. (SOUSA, 2004, p. 29 apud SOUSA, 1997).

É necessário compreender a história para entender a importância de cada acontecimento e de cada significado. O fotojornalismo presente em diversos momentos históricos mostra sua relevância, então: “Conhecer minimamente a história do fotojornalismo corresponderá, portanto, à posse de um conhecimento fotojornalístico, complexo e problemático na sua multiplicidade e rápida mutabilidade” (SOUSA, 2004, p. 29).

Segundo Fistarol (2012), a fotografia abriu uma janela para o jornalismo pois com ela, foi possível mudar a visão do mundo criada pela sociedade, já que o homem começou a observar e ver os acontecimentos que ocorrem longe da sua zona de conforto.

Para Sousa (2004), o fotojornalismo é um exercício que utiliza a fotografia como condutor da informação, da análise e da opinião acerca do ser humano e seus resultados. Segundo o autor, o fotojornalismo concede ao texto jornalístico, credibilidade, e, pode ser utilizado em diversos veículos de comunicação.

4.2.1 Gêneros do fotojornalismo

A **fotografia social**, para Fistarol (2012), inclui a fotografia política, econômica, de negócios, de tragédias, fotos diversas tiradas das cidades e países e também, imagens de festas e eventos sociais. Esse gênero, segundo a autora, chama a atenção para os textos jornalísticos antes mesmo de serem lidos.

Ainda conforme a autora, na **fotografia de esportes**, a parte estética é mais importante do que a informação contida na matéria, pois o acontecimento tratado nesse gênero de fotos jornalísticas pode ter sido visto em outros meios de comunicação. A fotografia de esportes valoriza os melhores momentos do jogo, prendendo a atenção do público leitor.

A **fotografia cultural**, podendo ser chamada de fotografia de divulgação e lazer, para Fistarol (2012), é capaz de ser organizada e produzida pois não necessita de urgência. Ela pode ser usada em grandes reportagens e utilizar novas estéticas, que têm a possibilidade também de serem aproveitadas em exposições em museus e galerias de arte.

Segundo Fistarol (2012), na **reportagem fotográfica** o profissional deve retirar o momento exato do acontecimento; os objetos e as pessoas precisam estar no mesmo quadro. "Geralmente, nas reportagens, os elementos quase sempre são dispersos visualmente e cabe ao fotógrafo organizar espacialmente o que vê, sem 'montar' a cena." (FISTAROL, 2012, p. 107). Para a autora, a função do fotojornalista nesse gênero, é mostrar o acontecimento da forma que ele realmente se apresenta, e deve estar atento aos fatos, lembrando de estar o mais invisível possível.

4.3 Projeto Gráfico

4.3.1 Diagramação

Segundo Alves et al. (2015), a diagramação consiste na organização e preparação da forma do material, conforme a identidade visual do projeto. Ela auxilia na qualidade do produto, e por isso, é indispensável que ao fazer a diagramação, sejam respeitadas as exigências em relação a fontes, cores, imagens, capa, contracapa, apresentação dos capítulos etc.

Segundo Lupton e Phillips (2008), nas questões editoriais, a diagramação serve para iluminar ideias complexadas. Ela pode ser simples ou expressiva, criando uma imagem que pode impressionar por conta da quantidade do corpo de dados.

Conforme os autores os “Princípios de diagramação e do mapeamento são empregados, assim, para organizar narrativas espacialmente.” (LUPTON; PHILLIPS, 2008, p. 211).

4.3.2 Grid

Para Ali (2009), o grid tem como propósito orientar a organização dos elementos gráficos de uma página. Páginas com mais textos precisam de grids simples, já aquelas que utilizam mais fotografias, necessitam de grades mais complexas. “O conteúdo, margens, quantidade de imagens, número desejado de páginas, telas e painéis influenciam diretamente as decisões de como o grid será estabelecido”. (TONDREAU, 2009, p. 12).

Pense na grade como um contêiner no qual se acondiciona o conteúdo editorial. Bem desenhada, confere às páginas um sentido de continuidade e equilíbrio que torna os *layouts* lógicos, organizados, legíveis e visualmente atraentes. (ALI, 2009, p. 102).

Há uma quantidade diferente de grades, utilizadas para diversos objetivos, conforme Tondreau (2009), cada uma das grades possui suas funcionalidades. O grid de **uma coluna** tem como ponto fundamental na página, o bloco de texto. Ele é utilizado normalmente em teses, relatórios, livros ou textos corridos.

Segundo o autor, o grid de **coluna dupla** é usado para moderar o excesso de volume de conteúdo e também, apresentar variados tipos de informação em colunas separadas. Pode ser organizado com colunas de larguras iguais ou diferentes, sabendo que quando uma coluna é mais larga que a outra, a mais larga é o dobro da largura da coluna estreita.

A grade de **colunas múltiplas** proporciona maior flexibilidade do que os grids de colunas duplas ou simples. Ela combina diversas colunas de larguras variadas e é principalmente utilizada em revistas e páginas na internet, conforme Tondreau (2009).

Os grids **modulares** controlam o tipo de informação que é mais complexa encontrada tanto em jornais, como em calendários, gráficos e tabelas. Eles ajustam as colunas verticais e horizontais, e organizam a estrutura em porções menores de espaço. Por fim, existem os **grids hierárquicos** que quebram a página em zonas. Em sua maioria eles são compostos por colunas horizontais.

Segundo Tondreau (2009), o conteúdo presente na página define como o grid será estruturado, todas as grades geram ordem e para isso acontecer, é fundamental o planejamento e cálculo. “Quer o designer esteja trabalhando com pixels, paucas ou milímetros, o segredo para uma ordem racional do grid é certificar-se de que os números se somem”. (TONDREAU, 2009, p. 12). O grid para a organização da página, tem como elementos principais: margem, marcadores, colunas, guias horizontais, zonas espaciais e módulos.

As margens são representantes da quantidade de espaço entre a borda do formato e o conteúdo que está na página. Nelas, podem conter informações como notas, títulos e legendas. Os marcadores ajudam o leitor a não se perder ao ver e ler o documento. Eles indicam o número da página, cabeçalhos, títulos correntes, rodapés e ícones.

As colunas são as áreas verticais da página, nelas ficam textos ou imagens, dependendo do conteúdo, a largura e quantidade delas podem variar. As guias horizontais são um método que utiliza o espaço e os elementos das páginas para facilitar a leitura do público, conforme Tondreau (2009).

Os módulos proporcionam um grid organizado, a combinação de módulos possibilita também a criação de colunas e espaços horizontais de diferentes tamanhos. As zonas espaciais, são agrupamentos de módulos ou colunas e podem formar áreas exclusivas tanto para textos, quanto para anúncios, imagens e outros elementos.

4.3.3 Layout

O *layout* organiza e distribui de forma harmoniosa os elementos gráficos da página, sendo eles: título, olho, subtítulos, chamadas, texto, fotos, ilustrações e

boxes. Segundo Ali (2009), esses componentes do *layout* são percebidos pelo leitor antes mesmo do texto.

Ao citar *layout*, é possível também abordar a teoria da Gestalt. De acordo com Freeman (2012), apesar de não ter uma tradução certa, pode ser classificada e referida como algo que foi disposto com importância para a composição de um projeto de forma que seja permitido compreender e visualizar aquilo que é proposto.

De acordo com a Gestalt, a arte inicia-se no princípio da pregnância da forma. Ou seja, na formação de imagens, os fatores de equilíbrio, clareza e harmonia visual constituem para o ser humano uma necessidade e, por isso, são considerados indispensáveis - seja em obra de arte, produto industrial, peça gráfica, edifício, escultura ou em qualquer outro tipo de manifestação visual. (GOMES FILHO, 2008, p. 14).

Para Ali (2009), toda página além de estar de acordo com o conteúdo proposto, precisa manter a uniformidade visual do produto do início ao fim. “A falta de unidade dá a impressão de um conjunto de elementos na mesma página ou na mesma dupla brigando pela atenção do leitor, com vários focos de interesse, em detrimento de uma impressão única”. (ALI, 2009, p. 142).

A simplicidade do *layout* apesar de ser difícil de produzir, é o que mais chama a atenção do leitor. Um *design* congestionado, com um exagero de fotos, ilustrações, cores, molduras e tantos outros elementos gráficos, acaba sobrecarregando visualmente a página. Conforme Ali (2009), o bom *design* não precisa chamar atenção para si mesmo.

A organização das páginas é de total importância para o *design*, é essencial preparar a página de modo que não haja nenhuma confusão ao ler e observá-la. O *layout* então, tem como função montar níveis visuais que mostram ao leitor o que é mais importante e o que não é.

O equilíbrio das páginas acontece quando tudo está posicionado de forma harmoniosa e compreensível. O leitor, mesmo não sabendo exatamente o que é o desequilíbrio, tem consciência do que é desagradável e desproporcional visualmente. Para Hurlburt (2002), o equilíbrio é o elemento-chave para o bom *design*, seja ele modo simétrico ou assimétrico.

No estilo simétrico, é fácil entender o equilíbrio formal de um layout - com o centro da página servindo de fulcro e a área dividida uniformemente dos dois lados. Já no design assimétrico as múltiplas opções e tensões provocadas pela inexistência de um centro definido requerem considerável habilidade. (HURLBURT, 2002, p. 62).

O contraste para Hurlburt (2002), tem uma importância quase que absoluta para o layout. Ele cria a hierarquia na página, mostrando o que é mais relevante e da mesma forma, ele dá movimento, elegância e emoção para o *layout*. Por isso, é necessário saber contrastar os elementos presentes na página.

O tamanho, a cor, o peso e as formas são pontos que influenciam a estética de um bom *layout*. Ao usar imagens muito grandes ou muito pequenas, o *design* acaba se desvalorizando e não chama a atenção do público leitor. É preciso combinar as medidas do componente mesclando diferentes formas - horizontais, verticais, pequenas e grandes -, utilizar os contrastes das cores frias e quentes, monocromáticas e coloridas; essas formas ajudam a chamar a atenção para o *layout* e faz com que o leitor entenda o que está sendo proposto.

4.3.4 Cor

No dicionário, a cor significa sensação que a luz provoca nos olhos e que depende principalmente do comprimento de onda das radiações. Segundo Bastos, Farina e Perez (2006), é um raio de luz branco que atravessa os olhos, além de ser também, uma sensação visual produzida pelo cérebro.

As cores, por meio de nossos olhos e do cérebro, Fazem penetrar no corpo físico uma variedade de ondas com diferentes potências que atuam sobre os centros nervosos e suas ramificações e que modificam, não somente o curso das funções orgânicas, mas também nossas atividades sensoriais, emocionais e afetivos. (BASTOS; FARINA; PEREZ; 2006, p. 2).

A cor do produto precisa estar de acordo com a qualidade e caráter de seu conteúdo, e deve se ajustar com o perfil do público alvo. Para Bastos, Farina e Perez (2006), a cor é uma linguagem atrativa atuante no subconsciente dos consumidores, e por isso, é tão utilizada pelos publicitários; a cor é comum atração psicológica do ser humano.

Desde sempre o homem viu nas cores um sentido profundamente psicológico e também sócio-cultural, procurando entre elas um Deus. As cores suprem as necessidades psíquicas antes mesmo das estéticas. “Nas artes visuais a cor não é apenas um elemento decorativo ou estético. É o fundamento da expressão sígnica”. (BASTOS; FARINA; PEREZ, 2006, p. 5).

“O amarelo, o branco, o vermelho e o azul parecem ter sido as cores preferenciais na Antiguidade”. (BASTOS; FARINA; PEREZ; 2006, p. 3). Segundos os autores, na Roma Imperial após um período em que a cor branca era predominante, passaram a utilizar cores mais vivas e fortes como laranja, púrpura, azul e amarelo. Os templos antigos usavam a pintura do naturalismo helenístico, com predominância do verde e do ocre - variação do alaranjado - e tonalidades contrapondo o vermelho e o púrpura.

A própria arte Bizantina, essencialmente religiosa, procurou o refinamento das cores, empregando cores vivas em todas as suas manifestações artísticas. Como exemplos maravilhosos do uso da cor, são dignos de nota os inúmeros mosaicos da Igreja da Cora, em Constantinopla, os tecidos coloridos do século XI ao XIV, executados de maneira sóbria e íntima, as encadernações estupendamente coloridas, mescladas com pedras preciosas (topázios, rubis etc.), ícones e miniaturas em que predominam as cores púrpura, laranja, verde e azul. (BASTOS; FARINA; PEREZ, 2006, 4).

Falando de logotipos, imagens, símbolos ou até mesmo da parte verbal de um projeto, a cor é primordial, afinal, o texto é também um elemento visual. Para Bastos, Farina e Perez (2006), a personalidade de uma empresa é a declaração visual de seu papel e função; é um meio de comunicação tanto com funcionários quanto com a sociedade.

4.3.5 Tipografia

Tipografia, derivada do grego *typos* (“forma”) e *graphein* (“escrita”), para Ali (2009), teve durante muitos séculos um conhecimento muito limitado. Apenas os tipógrafos, especialistas e *designers* tinham contato e entendimento sobre ela; suas formas, tamanhos e estilos eram reduzidos. No entanto, após a chegada da tecnologia e da computação gráfica, hoje temos ao nosso alcance variados tipos de letras.

No *design*, a tipografia é elemento essencial. Elas podem ser expressivas, ter várias formas, servir como ilustrações e até como ponto focal gráfico. Ao serem usadas de vários tamanhos, podem criar um impacto em quem está visualizando-a. “Mesmo sem ser percebida conscientemente, a tipografia tem um poder subliminar que faz diferença na maneira como recebemos as mensagens escritas” (ALI, 2009, p. 112).

As formas utilizadas nas letras têm impacto emocional no texto. “A escolha apropriada da tipografia é, portanto, essencial ao caráter da mensagem e pode atribuir - ou, se for uma escolha infeliz, pode depreciar - a credibilidade do texto”. (SALTZ, 2010, p. 14). Além das formas, as cores também influenciam nesse aspecto emotivo, cores claras e frias remetem ao feminino, enquanto as cores escuras e quentes aludem ao masculino.

Para um produto, todo e qualquer tipo de letra pode ser utilizado para apresentar o sentimento e o significado daquilo que está sendo proposto. Para Saltz (2010), o *design* tipográfico não tem limites, o *designer* tem liberdade para usá-lo, porém, é necessário ter cuidado. A liberdade pode ser um perigo para quem não sabe aplicá-la.

Não há certezas em tipografia, nada pode ser quantificado ou provado e nem tudo funciona em qualquer situação sempre. Há muitas incógnitas e variáveis com as quais trabalhar. É preciso uma vida inteira de uso e estudo para dominar as habilidades necessárias para acertar nas escolhas. Mas conhecer um pouco sobre tipografia ajuda o diretor de redação e os editores a fazer julgamentos sobre a parte gráfica, facilita o diálogo com o pessoal da arte e ajuda a obter uma boa composição tipográfica, que produz uma leitura confortável, fácil, rápida e compreensível. (ALI, 2009, p. 112).

Segundo o autor, não existem tipos nem bons nem ruins, mas sim apropriados e não apropriados. Para uma boa utilização da tipografia, é crucial entender quem vai consumir aquele produto para saber desenvolver algo de fácil entendimento, agradável ao olhar do leitor. Outra observação é entender o que vai ser passado para o público-alvo, cada fonte, forma, cor e contraste leva em si uma mensagem que precisa ser comunicada. A adequação dessas letras, de forma coerente e precisa é necessária para melhor apresentação do produto trabalhado.

Para compreender o texto e deixá-lo legível, o contraste entre a cor da letra e do fundo da página é fundamental. “Quando a cor dos tipos e a cor do fundo se aproximam em matiz, saturação e densidade, reduz-se a legibilidade.” (SALTZ, 2010, p. 28). Por isso, segundo o autor, o melhor tipo de contraste existente é entre o fundo branco e a fonte preta, essa contraposição é profundamente legível, diferentemente de quando há o fundo preto e a fonte branca, que acaba sendo desconfortável visualmente.

Para as páginas com muitas imagens, o aconselhável é a utilização da tipografia simples e com pouco conteúdo para evitar divergência e desconforto visual. A ocupação dos espaços com letras e textos podem causar desconforto, poluindo a página e trazendo risco de cansar o leitor. "O bom uso do espaço em branco torna a leitura mais agradável" (ALI, 2009, p. 120).

Após abordar o Projeto Gráfico, faz-se necessário o aprofundamento dos estudos na fotografia, pois a mesma, faz parte do projeto sendo ele revista, livro ou qualquer outra fonte midiática, seja ela impressa ou digital.

4.4 Fotografia

Atualmente no século XXI, é impossível adentrar num local ou até mesmo fazer *login* em alguma rede social sem se deparar com alguma fotografia, ou várias delas, seja ela de pessoas ou coisas. Para Sontag (1977), a humanidade ainda continua confinada na Caverna de Platão, presa em um universo “real”, porém, o olhar fotográfico consegue mudar essa situação. As imagens conseguem ampliar e inovar a perspectiva do ser humano, o ensinando a ter mais imaginação e fazendo-o mudar suas perspectivas, alterando assim, o seu aprisionamento na caverna.

Colecionar fotos é colecionar o mundo. Filmes e programas de televisão iluminam paredes, reluzem e se apagam; mas, com fotos, a imagem é também um objeto, leve, de produção barata, fácil de transportar, de acumular, de armazenar. (SONTAG, 1977, p. 8).

Apresentada ao mundo em 1826, pelo inventor francês Joseph Nicéphore Niépce, a arte da fotografia chegou ao Brasil, no ano de 1840, a pedido de um príncipe de apenas 14 anos, conforme narra Buitoni (2011). Segundo a autora, o

jovem que no futuro seria Dom Pedro II, apaixonado pelas imagens fotográficas pediu ao capelão francês Louis Compté - esse que registrou a primeira fotografia brasileira - que trouxesse um daguerreótipo⁵. Assim, aos poucos a técnica foi conhecida e divulgada por todo o país.

Para Buitoni (2011), a criação da fotografia está diretamente relacionada com a Revolução Industrial na Europa do século XIX e com o reconhecimento das ciências e pesquisas. Para a sociedade industrializada, era preciso ter uma forma de captar e detalhar os acontecimentos daquele momento que estava sendo vivido. O grande crescimento da tecnologia e dos meios de produção foi capaz de dar mais vontade de aperfeiçoar os mecanismos que levavam informação e comunicação. “Fotografia e sociedade industrial são inseparáveis”. (BUITONI, 2011, p. 9).

A fotografia nasceu da convergência de duas séries de saberes - a câmera escura (ótica) e a sensibilidade de certas substâncias (química). Mesmo lembrando da origem luminosa da técnica, muitas vezes esquecemos que a fotografia nasceu a partir do sol. Seus descobridores trabalhavam com a luz solar impressionando uma superfície tratada com produtos químicos. (BUITONI, 2011, P.8).

Nos dias atuais, a fotografia está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, principalmente nas redes sociais. Para Buitoni, a percepção do olhar humano é mais forte do que a detalhada em uma gravação ou fotografia e apesar da câmera obter uma grande qualidade de imagem ela não preserva nenhum significado de caráter sentimental por si própria. “A foto precisa de uma ancoragem verbal: o significado vem com a inserção em uma narrativa”. (BUITONI, 2011, p. 33).

A fotografia, mais recentemente, transformou-se num divertimento tão praticado como o sexo e a dança, o que significa que, como todas as formas de arte de massas, a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como arte. É sobretudo um rito social, uma defesa contra a ansiedade e instrumento de poder. (BUITONI, 2011, p. 32 apud SONTAG, 1973).

Segundo Sousa (2004), ‘fotografia’ significa ‘escrever’ (grafia) com a ‘luz’ (foto), sendo assim, a máquina fotográfica tão usada para captar imagens e

⁵ Daguerreótipo: Antigo aparelho fotográfico inventado por Daguerre 1787-1851, físico e pintor francês, que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre.

memórias, permite que o ser humano ‘escreva com a luz’. O ato de fotografar é uma arte.

Buitoni (2011) apud Rouillé (2006) afirmam que a fotografia deu novas perspectivas de determinar o real. Os ângulos e enquadramentos fazem com que o ser humano enxergue coisas novas em lugares às vezes inimagináveis. Com isso, é possível enxergar o poder da fotografia na construção do Jornalismo fotográfico, o público leitor consegue observar e ver a informação escrita de outro modo, com outros olhos, ao deparar com as imagens ali destacadas.

4.4.1 Planos e enquadramentos

Conforme Zettl (2017), para a composição da fotografia um dos objetivos básicos necessários é o enquadramento da imagem, de forma que ela seja vista de forma clara e que consiga transmitir sua mensagem àqueles que a estão observando. Os planos então são divididos em: plano geral, plano conjunto, plano americano, plano médio, primeiro plano, *close up*, *big close*, plano detalhe, perfil, plongée e contra-plongée, conforme Zettl (2017) e Primeiro Filme (2021).

O **plano geral**, segundo Zettl (2017), tem como finalidade mostrar para quem está olhando a imagem, onde a cena se passa, assim como mostrado na Figura 1.



Figura 1 - Plano geral

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

No **plano conjunto**, como na Figura 2, a imagem precisa conter mais de uma pessoa ou objeto dentro do mesmo espaço, conforme Zettl (2017).



Figura 2 - Plano conjunto

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

O **plano americano**, mostrado na Figura 3, para Zettl (2017), tem como propósito enquadrar a pessoa da cabeça até acima ou abaixo do joelho.



Figura 3 - Plano americano

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

O **plano médio**, conforme Sanada e Sanada (2004) tem como propósito mostrar a imagem da cabeça até a cintura da pessoa, como na Figura 4.



Figura 4 - Plano médio

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

Para os autores, o **primeiro plano**, ou 3x4, mostra a pessoa da cabeça até os ombros deixando que quem veja a imagem observe suas expressões, como na Figura 5.



Figura 5 - Primeiro plano

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

O **close up**, deixa a pessoa preencher toda a imagem valorizando também as suas expressões, como o primeiro plano, como visto na Figura 6.



Figura 6 - Close up

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

O **big close**, como na Figura 7, foca ainda mais nas expressões da pessoa, seu rosto fica completamente preenchido na imagem.



Figura 7 - Big close

Adaptado: Primeiro Filme, 2021.

O **plano detalhe**, mostra os detalhes do objeto, como boca e olhos, como visto na Figura 8.

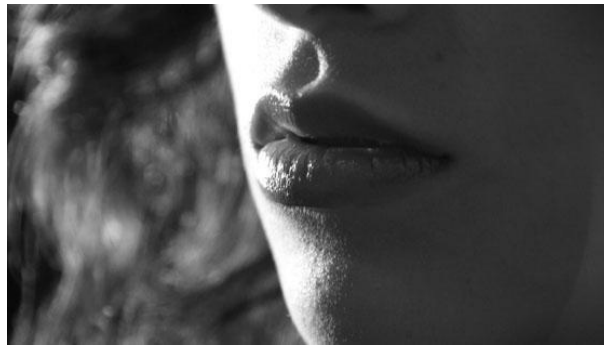


Figura 8 - Plano detalhe

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

O **perfil** mostra apenas um lado do rosto da pessoa, ou o direito ou o esquerdo, conforme a Figura 9.



Figura 9 - Perfil

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

O *plongée*, (tradução do francês – Mergulho), enquadra a pessoa de cima para baixo, como na Figura 10.



Figura 10 - Plongée

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

No *contra-plongée*, diferentemente do *plongée*, a foto é tirada de baixo para cima, conforme a Figura 11.



Figura 11 - Contra-plongée

Fonte: Primeiro Filme, 2021.

Depois de olhar os planos e enquadramentos, é necessário estudar também a iluminação, pois este tópico é de grande importância para a fotografia.

4.4.2 Iluminação

Para Zettl (2017), a iluminação é o controle de luz e sombras. Com esses elementos é possível mostrar a forma e a textura de um rosto ou objeto, propor um ambiente e também criar um clima específico. Conforme Arri (2012), há três principais fontes de luz: luz principal (*key light*), luz de preenchimento (*fill light*), e a contraluz (*back light*).

A **luz principal**, ou *key light*, segundo Zettl (2017) é a fonte fundamental de iluminação direcional que reflete em uma área ou uma pessoa, ela revela a forma básica do objeto, conforme a Figura 12.



Figura 12 - Luz principal

Fonte: Arri, 2012.

A **luz de preenchimento**, ou *fill light*, vista na Figura 14, oferece uma iluminação normalmente difusa - ilumina todo o ambiente - e reduz as sombras e o intervalo de contraste, segundo Zettl (2017).



Figura 14 - Luz de preenchimento

Fonte: Arri, 2012.

A **contraluz**, ou *back light*, produz iluminação atrás do objeto e conforme explica Zettl (2017), isso ajuda a separar o elemento de seu fundo, enfatizando o contorno do objeto como na Figura 15.



Figura 15 - Contraluz

Fonte: Arri, 2012.

Após abordar a iluminação, é importante o aprofundamento nos estudos das lentes fotográficas.

4.4.3 Lentes

Para Zettl (2017), as lentes são responsáveis por determinar o que a câmera capta e a qualidade da imagem. Algumas oferecem ao fotógrafo uma visão ampla da paisagem, e outras, proporcionam um olhar mais detalhado - o *close*. Elas também determinam a perspectiva visual básica; se o elemento contido na imagem terá a

sua forma distorcida, se ele estará mais perto ou mais longe do que realmente está ou se ele será maior ou menor, ou seja, as lentes definem como o objeto se mostrará para o público.

Segundo o autor, as lentes têm grande responsabilidade na definição e qualidade da imagem, e pelo grau de aproximação ou afastamento do objeto sem precisar mover a câmera - *zoom in* e o *zoom out*.

Com as **lentes super-angulares**, vistas na Figura 16, os elementos distantes parecem estar ainda mais longe do que realmente estão. Segundo a Cânon, o ângulo de visão fotográfica ultrapassa o campo da visão humana.



Figura 16 - Lentes super-angulares

Adaptado: Cânon, 2021.

Conforme a Cânon, as **lentes grande-angulares**, como na Figura 18, com alcance de distância focal entre 10-18 mm possibilita tirar fotos de paisagens amplas. As grande-angulares, para Fotografe Melhor (2017), formam imagens menores em comparação com o mundo real, porém com ângulos de visão maiores. São mais utilizadas para fotografar paisagens.



Figura 18 - Lentes grande-angulares

Adaptado: Cânon, 2021.

As **lentes padrão**, como na Figura 20, são as que têm distância focal variada de 40 a 100 mm. Para a Cânon, elas dão a sensação de aproximação dos objetos comparando com a visão humana — que é de 50 mm.



Figura 20 - Lentes padrão

Adaptado: Cânon, 2021.

Nas lentes teleobjetivas com distância focal de 70-200, como na Figura 22, para a Cânon, os objetos contidos no cenário ao redor do ângulo são “apagados”, dando destaque ao elemento principal da cena, dá a sensação de aproximação. Segundo Fotografe Melhor (2017), as teleobjetivas formam imagens maiores e ampliadas, com ângulos de visão menores. São usadas para fotografar objetos que estão distantes da câmera.



Figura 22 - Lentes teleobjetivas

Adaptado: Cânon, 2021.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro de fotos jornalísticas “Rito Tridentino: a beleza da tradição expressa em imagens”, apresenta com fotografias os detalhes do Rito Tridentino. Ele descreve com imagens e com algumas fotolegendas o que é, e o que faz o Rito ser diferente.

Utilizando cores que remetem a algo mais antigo, em suas páginas são mostradas a posição do sacerdote, os acólitos e objetos contidos na Missa Tridentina. Junto aos pequenos textos, é relatado o que está acontecendo em algumas imagens. Para melhor compreensão do público leitor, há páginas que contêm orações, essas que são ditas tanto pelos sacerdotes, como também pelos fiéis durante o Rito.

Para melhor visualização, o livro foi adicionado no site Issuu, link: https://issuu.com/vittoriafreitas/docs/rito_tridentino_a_beleza_da_tradi_o_expressa_em_i

6. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

6.1 Pré-produção

O projeto começou a ser desenvolvido no primeiro semestre de 2021, por meio da escolha do tema e do meio jornalístico a ser utilizado. Após esse estudo de seleção, o trabalho ficou definido como um livro de fotos jornalísticas sobre o Rito Tridentino. Com isso, foi necessário realizar pesquisas bibliográficas sobre o fotojornalismo cultural, fotojornalismo, fotografia e Rito Tridentino para que pudesse ser captado tanto a parte teórica como a prática.

Após aprovado pela banca em junho, tendo como sugestão aumentar as pesquisas acerca do tema e do relatório, no mês de agosto começaram as orientações com o professor orientador. Este, sugeriu aumentar o referencial teórico do relatório e as pesquisas bibliográficas, para que tivesse mais embasamento para o produto final.

6.2 Produção

Em setembro, paralelo a continuação do desenvolvimento do relatório, foram feitas algumas fotografias para o produto na Igreja da Ordem Terceira do Carmo, em São Paulo. Para além das fotos — capturadas pela câmera EOS Rebel T100 com as lentes EF-S 18-55mm e EF-S 55-250mm — foi possível também o estudo visual do Rito Tridentino para ajudar no relatório e na elaboração do livro “Rito Tridentino: a beleza da tradição expressa em imagens”.

Na primeira semana de outubro, antes do envio do relatório para a pré-banca, foram feitos os ajustes nos últimos detalhes.

Após apresentação e avaliação da pré-banca, foram registradas mais imagens para compor o produto, desta vez, na Paróquia São Filipe Neri, em São Paulo, e também nas Capelas Santa Cecília e Nossa Senhora de Lourdes, localizadas no município de São Lourenço, em Minas Gerais.

6.3 Pós-produção

Após os registros das imagens nos locais e em conversas com o diagramador, foram debatidos o modelo, o design e a montagem visual do produto (capa, páginas, fontes). Ficou definido que o livro seria nas proporções 210 x 280 mm.

Por fim, quando definido toda a parte de design, foram inseridas as imagens — sendo estas, tratadas no Adobe Photoshop —, textos e como sendo um trabalho terceirizado, junto com o diagramador — que utilizou o Adobe InDesign para a diagramação do livro e ajustou as fotos e medidas no Adobe Photoshop — foi organizado e programado para que ficasse tudo como pensado.

7. SINOPSE

A Missa Tridentina, que tem sua origem desde os tempos dos apóstolos, foi promulgada oficialmente há 451 anos e traz consigo características singulares importantes para a Igreja Católica Apostólica Romana. O *Rito Tridentino: A beleza da tradição expressa em fotografias* é um livro de fotos jornalísticas feitas em igrejas de São Paulo e Minas Gerais, que com um *design* atrativo e simples, descreve com imagens e legendas a história, curiosidades e orações da Missa Tridentina divulgando essa herança tão linda da Igreja.

8. ORÇAMENTO

Livros para pesquisa bibliográfica	R\$ 102,97
Locomoção/Transporte	R\$ 817,50
Diagramação e design gráfico	R\$ 500,00
Impressão e encadernação do relatório	R\$ 60,00
Impressão do livro	R\$ 550,00
TOTAL	R\$ 2.030,47

Observação: O custo da impressão do livro não foi por parte da autora do trabalho, sendo assim, os gastos ficaram com no total de **R\$ 1.480,97**.

9. PÚBLICO ALVO

O livro "Rito Tridentino: A beleza da tradição expressa em fotografia" tem como público alvo jovens e adultos, sejam eles homens ou mulheres de 18 a 60 anos que se interessam por religião e a história do Rito Tridentino.

No entanto, ao perceber que o assunto aborda uma Missa que é pouco falada entre as pessoas e que pode despertar interesse, o trabalho não se limita apenas ao público religioso, mas também àqueles que gostam tanto de fotografia, como de história, como por exemplo estudantes e professores.

10. VIABILIDADE DO PRODUTO

O produto fotojornalístico pode ser viabilizado em editoras católicas pois aborda assuntos de caráter religioso e histórico do catolicismo. É possível também a veiculação em editoras que têm como principal tipo de publicação obras de fotos jornalísticas, pois o livro mostra a história da Missa Tridentina através de fotografias e fotolegendas.

Além do livro, o trabalho pode ser também utilizado em uma exposição de fotografia, seja ela de cunho religioso ou secular.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “Rito Tridentino: a beleza da tradição expressa em fotografias”, foi possível analisar a história da Missa Tridentina e suas singularidades, como começou e como ela acontece. Durante o processo de estudo sobre o Rito e todas as suas características, desenvolveu-se uma cautela para que tudo fosse passado com simplicidade e clareza para o público.

O presente trabalho apresentou para a autora do mesmo, uma maturidade tanto pessoal como profissional, pois ao mostrar a realidade de um acontecimento já presente em sua vida, foi capaz de expandir suas ideias para pensar e ter liberdade de abordar o tema utilizando diferentes técnicas estudadas durante o processo do Trabalho de Conclusão de Curso.

O fotojornalismo, utilizando as técnicas da fotografia jornalística cultural, foi capaz de captar a essência do Rito Tridentino e trouxe proximidade com aquilo que era proposto: uma abordagem com fotos que mostrassem clareza. A utilização das fotolegendas permitiu um estudo maior em livros de histórias acerca da Missa Tridentina, e também em conteúdos de livros jornalísticos para que a criação dos textos pudessem ser nutridos com veracidade.

“Rito Tridentino: a beleza da tradição expressa em fotografias” apresentou nas legendas, uma linguagem jornalística mais direta e de certa forma mais humanizada, por conta de seu conteúdo religioso; estilo esse baseado no livro “Tesouro da Tradição: Guia da Missa Tridentina”, da autora Lisa Bergman.

O formato escolhido para o livro conseguiu trazer facilidade e liberdade para abordar o tema e ordenar as fotos e textos contidos nele, sem que houvesse qualquer tipo de impedimento quanto ao modo de pensar sobre o design, páginas e organização das legendas.

As dificuldades encontradas durante o processo de desenvolvimento do livro foram mais ligadas às restrições dos locais onde são realizadas as Missas Tridentinas. Outra observação foi o tempo em que a autora se organizou para o desenvolvimento do trabalho, e também as ideias quanto ao design do livro, que sofreram algumas mudanças durante o processo.

REFERÊNCIAS

ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

BASTOS, Dorinho; FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blucher, 2013.

BERGMAN, Lisa. **Tesouro da Tradição: Guia da Santa Missa Tridentina**. 1ª Edição. Campinas: Ecclesiae, 2015.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e Jornalismo: A informação pela Imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

CÂNON. **Lentes Intercambiáveis: guia visual e técnico completo das principais lentes EF da Canon**. São Paulo. Disponível em: <

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREEMAN, Michael. **O Olhar do Fotógrafo**. 2ª Edição. Lisboa: DINALIVRO, 2007.

FISTAROL, Eliane. **Redação jornalística multimeios: técnicas para jornalismo impresso, jornalismo online, radiojornalismo, telejornalismo e fotojornalismo**. In: OLIVEIRA, Hugo Gandolfi (Org.). Chapecó: Argos, 2012.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto - Sistema de leitura visual da forma**. São Paulo: Escrituras Editora, 2008. Disponível em: <<https://graficovisual.files.wordpress.com/2013/11/gestalt-do-objeto-joao-gomes.pdf>>

HOLSHEVNIKOFF, Bill. **ARRI: Manual de iluminação**. Tradução de Mário Jannini. 2012.

HURLBURT, Allen. **Layout: o design da página impressa**. São Paulo: Nobel, 2002.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MENEGHETTI, Diego. Tire suas dúvidas sobre objetivas. **Fotografe Melhor**, 30 de janeiro de 2017. Matérias. Disponível em: <<http://www.fotografemelhor.com.br/materias/tire-suas-duvidas-sobre-objetivas/>>

ORDINÁRIO DA SANTA MISSA. **Segundo o Missal Romano Tradicional de 1962**. 1ª Edição. São Paulo, 2015.

O LIVRO. **Primeiro Filme.** 2021. Disponível em: <<https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>.

SALTZ, Ina. **Design e Tipografia: 100 Fundamentos do Design com Tipos.** 1ª edição. São Paulo: Blucher, 2010.

SANADA, Vera; SANA, Yuri. **Vídeo Digital - A Compra da Câmera, Edição das Imagens e Produção de Vídeos Digitais para DVD, TV, e Cinema Digital.** Rio de Janeiro: Axcel Books do Brasil Editora, 2004.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia: Ensaio.** Lê Livros. 2004. Disponível em: <<https://lelivros.love/book/baixar-livro-sobre-fotografia-susan-sontag-em-pdf-mobi-e-epub/>>.

SOUSA, João Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à História, às Técnicas e à Linguagem da Fotografia na Imprensa.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TONDREAU, Beth. **Criar Grids: 100 Fundamentos de Layout.** 1ª Edição. São Paulo: Blucher, 2009.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão.** 12ª edição. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

